



A arte do disfarce

Se a natureza não fosse indiferente aos nossos desejos, o mundo seria mais caótico do que é. Então, preservemos a sua soberania. As vontades individuais são, na sua maioria, desencontradas, e os desejos coletivos convergentes, são escassos. Por isso, são cômicos e hilários, os horários eleitorais gratuitos. Verdadeira arte do disfarce – com raras exceções – onde quem dissimular melhor o seu desejo de poder, pode levar vantagem. Os problemas da coletividade apresentados pelos candidatos são, muitas vezes, meros pretextos para escamotear o desejo íntimo de garantia de salários, prestígio e benefícios futuros. E, um jargão, um nome pomposo, um slogan, um substantivo, um apelido, um número seqüencial, podem ser decisivos na hora em que o candidato se apresenta ao seu eleitorado. Por que? Porque é importante penetrar na memória do eleitor, fazê-lo arquivar uma informação que possa perdurar, pelo menos, até o próximo dia 15 de outubro. Isso pode ser decisivo no processo eleitoral, o pessoal do marketing sabe disso, e procura incentivar nas campanhas, os jogos mirabolantes da sedução.

Despertar no eleitor uma lembrança na hora decisiva, ou seja, naquele momento em que nos escondemos solitários atrás de um biombo de papelão e diante de uma urna da Justiça Eleitoral, é o objetivo dos marqueteiros de plantão. Muitas vezes, basta coincidir numa memória volátil, numa rápida lembrança, ou numa pequena anotação num papel algumas poucas centelhas de memória e os desejos de poder se concretizam para alguns candidatos. Vontade de poder, interesses, necessidades, são grandes molas propulsoras da humanidade e na política não poderia ser diferente. Por isso, para identificar adequadamente a índole de um candidato não basta conhecer o seu programa – na maioria das vezes construído por uma equipe especializada – mas sim, conhecer o interesse íntimo que lhe move para o poder. Para isso em alguns momentos é necessário olhar seu candidato nos olhos, ter um *face-to-face* com ele para identificar suas verdadeiras intenções.

Entretanto, não se deve esquecer que o jogo do disfarce é bilateral e, nestes casos, tanto o interesse do candidato quanto o interesse do eleitor pode vir em detrimento dos desejos da comunidade. Este aspecto expõem a democracia e o regime representativo, principalmente, se alimentamos o culto ao indivíduo ao invés dos seus ideais. Neste sentido, é importante que a Natureza se mantenha alheia aos desejos pessoais.

Sérgio Peixoto Mendes, filósofo
Contato: tell@philoterapia.com.br